

APRESENTAÇÃO

Dossiê "Imigração do Oriente Médio para o Brasil: história, cultura e sociedade"

Murilo Sebe Bon Meihy¹

Endereço Profissional: Largo São Francisco de Paula, 1 – Centro,
Rio de Janeiro - RJ, 20051-070
Email: meihy1@yahoo.com.br

Samira Adel Osman²

Endereço Profissional: Estrada do Caminho Velho, 333 - Jardim Nova Cidade, Guarulhos - SP, 07252-312
Email: samira.osman@unifesp.br

Ao final do século XIX os portos brasileiros, sobretudo do Rio de Janeiro e de Santos, em São Paulo, depararam-se com um novo imigrante oriundo de uma região até então pouco familiar ao cotidiano nacional. Provenientes do Oriente Médio, sobretudo da Síria e do Líbano ainda sob domínio do Império Turco Otomano, esses imigrantes foram enquadrados genericamente como “turcos” ainda que do ponto de vista étnico e linguístico pudessem ser mais bem identificados como árabes. Passados séculos desde a chegada das primeiras levas, o termo turco continuou a designar esses imigrantes seja no imaginário popular, nos documentos históricos oficiais, e mesmo internamente à comunidade.

Mais tarde, e na medida em que esse fluxo se intensificava e o grupo se consolidava no novo país, a necessidade de frisar identidades nacionais fez com que as denominações síria, libanesa, sírio-libanesa, síria e libanesa e, ainda, palestina se sobrepusessem e viessem acompanhadas da distinção religiosa (cristãos e muçulmanos). Ao mesmo tempo, a inserção econômica pelo comércio, a participação na política nacional, a produção intelectual e a manutenção do uso da língua árabe serviram para marcar a relação paradoxal de integração à sociedade local ao mesmo tempo em que ocorria a preservação da identidade e de pertencimento a um grupo cujos membros se tratavam como “primos” e “patrícios”.

Desde a chegada das primeiras levas imigratórias provenientes do Oriente Médio ao final do século XIX, o fluxo de imigrantes de origem árabe manteve-se, em maior ou menor intensidade, ao longo do século XX em decorrência de conflitos mundiais, regionais e locais,

¹ Professor Adjunto do Curso de História do Instituto de História da UFRJ. Doutor em Estudos Árabes pela USP.

² Professora Associada do Curso de História da Escola de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Federal de São Paulo- EFLCH/ UNIFESP. Doutora em História pela USP.

com destaque para a Guerra Civil do Líbano (1975-1990) e a Questão da Palestina em decorrência da Nakba de 1948. As primeiras décadas do século XXI também fizeram chegar ao país as populações oriundas de cenários mais recentes da crise humanitária, deflagrada com a Guerra Civil da Síria em curso desde 2011.

Nessa perspectiva, a proposta deste dossiê foi, desde o princípio, congregar a nova produção acadêmica voltada ao estudo das diferentes migrações entre a região do Oriente Médio e o Brasil, desde uma perspectiva histórica que considerasse o início desse fluxo em meados do século XIX, até a chegada de populações solicitantes da condição de exílio e de refúgio na atualidade. Novas definições (diáspora, refúgio) juntam-se aos termos consolidados (imigrantes, retornados) em estudos dessa natureza, enquanto adaptação, contribuição e inserção dessa população no cenário nacional vão sendo colocadas em xeque com o debate sobre as questões identitárias e de pertencimento.

Ainda que haja uma significativa produção de trabalhos sobre a presença de sírios e libaneses no Brasil, as mudanças geopolíticas sofridas pela região do Oriente Médio entre os séculos XIX e XXI trouxeram a necessidade de se definir esses fluxos migratórios de forma mais cuidadosa e dinâmica, considerando-se, no Brasil, a reprodução da complexidade das identidades nacionais, confessionais ou de qualquer natureza entre indivíduos vindos de uma das regiões mais politicamente diversas e sensíveis do mundo contemporâneo.

No interior de um emaranhado formado por múltiplas identidades sociais, culturais, políticas e econômicas, os imigrantes do Oriente Médio que decidiram reconstruir suas vidas no Brasil passaram a formar um objeto de análise de suma importância não apenas para estudos migratórios e demográficos, mas também para campos mais próximos de perspectivas interdisciplinares, examinando-se, para além dos trabalhos clássicos já existentes, novos atores, novos espaços de atuação e novos enfoques com relevantes contribuições para a historiografia sobre o tema.

É o que podemos apreciar nos artigos que compõem esse dossiê. Os 11 artigos selecionados permitem ao leitor acompanhar as diferentes temporalidades da imigração árabe ao Brasil (do final do século XIX às primeiras décadas do presente século), verificar a concentração geográfica em determinadas regiões (São Paulo e Foz do Iguaçu), observar o debate sobre as dinâmicas religiosas (cristãos e muçulmanos), além de compreender as particularidades nacionais (libaneses, sírios, palestinos), características essas que demonstram a vivacidade e a complexidade desse processo migratório.

No artigo que abre esse dossiê, *Imigração árabe e cadeias migratórias: um estudo de caso da Hospedaria de Imigrantes da Ilha das Flores (1883-1929)*, da autoria de Luís Reznik e Carolina de Carvalho, foi realizado um levantamento estatístico sobre a presença

árabe na Hospedaria para refletir sobre as cadeias migratórias e as redes de sociabilidade entre esses imigrantes na cidade do Rio de Janeiro, entre o final do século XIX e primeiras décadas do século XX.

Em seguida, três artigos tratam da imigração árabe concentrada em Foz do Iguaçu (Paraná). Em dois deles (*Processos de aprendizagem informal da identidade libanesa em Foz de Iguaçu*, de Poliana Cardozo, e *Um retrato da migração de falantes de árabe para Foz do Iguaçu: história e integração à sociedade local*, de Samira Abdel Jalil) a abordagem concentra-se no debate sobre as questões identitárias (como ser libanês fora do Líbano) tendo a língua como importante fator na reterritorialização do imigrante. Já em *Entre encontros e desencontros: representação, debate público e participação política da comunidade libanesa de São Paulo e Foz do Iguaçu*, de Isabelle Somma, avalia-se que o sucesso da integração dessas comunidades seja decorrente da intensa participação política no cenário nacional.

O viés religioso foi abordado em dois artigos. Em *Misturando Massihiyin aos limites do Estado laico*, John Tofik Karam discute sobre como os imigrantes árabes cristãos (*massihiyin*) adaptaram-se religiosamente com a adoção do catolicismo latino ou de outras religiões ao mesmo tempo em que brasileiros sem ascendência árabe se converteram ao cristianismo oriental. Já em *Circuito Sultan Yaccoub (Líbano)- São Bernardo do Campo (Brasil): fluxos de uma comunidade muçulmana transnacional*, de Rodrigo Ayupe, os imigrantes muçulmanos estão entre dois lugares e entre dois fluxos.

Na temática do refúgio, dois artigos tratam dos sírios enquanto outro trata da diáspora palestina. Em *Sírios em São Paulo: trabalho, economia e identidade étnica*, da autoria de Oswaldo Truzzi e Fábio Pucci, e em *Experiências vivenciadas por refugiados sírios em seu processo de integração cultural na cidade de São Paulo* da autoria de Duval Fernandes e Eric Costa, o debate centra-se na recriação de uma identidade étnica no comércio e a valorização do trabalho como meio de integração à sociedade local, estratégia da comunidade no passado repetida no presente perpassando pelas questões relacionadas ao aprendizado do novo idioma. Bahia Munem e Sonia Hamid, em *Diasporic Palestinian Communities in Brazil and hierarchies of belonging*, debatem a questão de imigrantes e refugiados e das categorias árabe, turco e sírio-libanês a partir do caso dos refugiados palestinos assentados no país.

Encerrando esse dossiê, Guilherme Curi, em *O conceito da Turāh e a produção intelectual da imigração árabe no Brasil*, analisa a discursividade da experiência migratória na primeira geração e a produção intelectual da segunda geração. Samira Osman, em *A*

Imigração Árabe no Brasil: balanço da produção acadêmica (1970-2020), faz uma análise das dissertações e teses acadêmicas que tem abordado a temática debatida nesse espaço.

Para finalizar, destacamos um dado relevante da “Pesquisa Nacional Exclusiva sobre os Árabes no Brasil” realizada pela Câmara de Comércio Árabe-Brasileira e divulgada em junho de 2020, cujo levantamento apontou que aproximadamente 12 milhões de pessoas afirmaram ser parte da comunidade árabe, seja como imigrantes seja como seus descendentes. Desse montante, 27% identificam-se como libaneses e 13% como sírios, 40% do total. Para o presidente da instituição, o objetivo da pesquisa é ajudar a comunidade já inserida no Brasil a não perder sua identidade árabe e seu vínculo ancestral. Como a leitura dos artigos permitirá concluir, a comunidade de origem árabe estabelecida no país não só não perdeu sua identidade, como continua a reafirmando, reconstruindo e ressignificando o “ser árabe no Brasil”.

Agradecemos aos autores que compartilharam suas pesquisas, aos pareceristas que gentilmente aceitaram avaliar os artigos e aos editores da Revista por acolher a proposta desse dossiê bem como pelo trabalho cuidadoso e dedicado.

Boa Leitura!

Recebido em 10 de janeiro de 2021

Aceito em 12 de março de 2021